

# “TUDO, NO MUNDO, EXISTE PARA CHEGAR A UM LIVRO” OU DIÁLOGOS E CRUZAMENTOS ENTRE OBRAS ENCICLOPÉDICAS

Maria do Carmo de Freitas Veneroso  
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Privilegiando as interartes e tendo como principal referência as relações entre palavras e imagens, neste texto são estabelecidas aproximações entre obras artísticas que podem ser consideradas enciclopédicas e enciclopédias acadêmicas. São enfocados os seguintes trabalhos: o filme *Encyclopaedia Britannica* (1971), de John Latham, a série de fotolitografias *Paisagens, coisas, bichos e um mergulhador* (1995), de Mário Azevedo, os livros de artista *Il faut ce qu'il faut* (1964), de André Balthazar e René Bertholo, e *The world explained* (2012), de Erick Beltrán,<sup>241</sup> em diálogo com a *Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert,<sup>242</sup> a *Enciclopédia Britânica* e a *Wikipedia*.

Sabe-se que “as enciclopédias e suas categorias podem ser consideradas expressões ou incorporações de uma visão sobre o conhecimento e, de fato, uma visão do mundo (afinal, a partir da Idade Média, o mundo foi muitas

---

241. Esse livro pertence à Coleção Especial de Livros de Artista da Biblioteca Universitária da UFMG.

242. Obra considerada rara, pertencente à Coleção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Universitária da UFMG.

vezes imaginado como um livro)”.<sup>243</sup> Para Campanella, o próprio universo é um livro e “o mundo é o livro onde o juízo eterno escreve os seus conceitos”. Já Galileu utiliza a metáfora do “livro da natureza” escrito em linguagem matemática.<sup>244</sup>

O desejo enciclopédico de apreender todo o conhecimento do mundo pode ser aproximado da ambição, não alcançada, de Stéphane Mallarmé, de realizar um livro absoluto. O poeta acreditava “que tudo, no mundo, existe para chegar a um livro”.<sup>245</sup> Essa afirmação pode ser abordada de diferentes maneiras: o livro, como “uma forma de fixar o efêmero, de agarrar o tempo, de não desperdiçar nada da vida, um modo de legitimação e sobrevivência”; no sentido cabalístico ou místico, o livro pode conter o mundo, “a chave de acesso ao seu segredo – o livro da sabedoria onde a verdade estaria revelada”; ou ainda, no sentido hegeliano, “de que tudo quer ser dito, trazido à linguagem, ao livro que compreenda a racionalidade do real e a realidade do racional”.<sup>246</sup> Seria, portanto, o desejo enciclopédico, um desejo de abarcar o universo, em um livro, ou livros? Porém, esse desejo de conter todo o conhecimento traz em si a própria impossibilidade de fazê-lo, já que o conhecimento está em constante reconstrução. Neste texto, são apresentadas diferentes obras enciclopédicas. Enquanto algumas delas foram criadas com o intuito de conter todo o conhecimento, outras questionam essa possibilidade.

Para discutir esse assunto, em uma abordagem histórico-cultural, são privilegiadas as relações entre palavras e imagens, estabelecendo diálogos com os autores Peter Burke e Paulo Pires do Vale.

### *Conhecimento enciclopédico, conhecimento universal?*

Como se sabe, o conhecimento especializado foi muitas vezes contrastado com o conhecimento geral ou mesmo universal. Na Itália no século XV, o “ideal do ‘homem universal’ era levado a sério em certos círculos [...], e disso é testemunho a *Vida civil*, de Matteo Palmieri, segundo a qual ‘um homem

---

243. BURKE. *Uma história social do conhecimento*, p. 89.

244. Citados por PIRES DO VALE. *Tarefas infinitas*, p. 201.

245. MALLARMÉ. O livro, instrumento espiritual, s/p (encarte).

246. PIRES DO VALE. *Tarefas infinitas*, p. 201.

é capaz de aprender muitas coisas e tornar-se universal (*farsi universale*) em muitas artes.”<sup>247</sup>

O período moderno, geralmente aceito como os séculos de Gutenberg (século XV) a Diderot (século XVIII), assistiu a uma explosão do conhecimento, que se seguiu à invenção da imprensa, aos grandes descobrimentos e à chamada “revolução científica”, que culminou com a publicação da *Encyclopédie* de Diderot e d’Alembert. O desejo enciclopédico de conter todo o conhecimento, sendo anterior a Diderot e d’Alembert, na sua *Encyclopédie*, encontra uma efetivação. Nessa obra, há um desejo de ordem, imperativo, que dá origem a volumes nos quais as páginas buscam condensar todo o conhecimento do mundo, de modo ordenado.<sup>248</sup>

Também na obra *Il faut ce qu’il faut*<sup>249</sup> (1964-1965), de René Bertholo, em parceria com André Balthazar, percebe-se “esse desejo de que tudo se pode aproximar da página: objetos do cotidiano e citações visuais, telefones e chapéus, símbolos e máquinas”. Porém, diferentemente da *Encyclopédie*, “tudo parece em queda ou suspenso. Incontrolável ou desordenado”.<sup>250</sup>

Trata-se de um livro de artista não paginado (35 p.), impresso em serigrafia por René Bertholo, com texto de André Balthazar, em uma edição de 30 exemplares, numerados e assinados pelos autores, a lápis, na página do colofão. O livro traz uma capa de papel, com impressão frente e verso em serigrafia a cores, envolta em uma capa dura acondicionada em um estojo, ambos revestidos em tecido verde.

O desenho utilizado nas imagens é esquemático, lembrando a linguagem dos quadrinhos, e, em algumas páginas, há a utilização efetiva de requadros, que delimitam as imagens, enquanto que, em outras páginas, as imagens parecem flutuar em um espaço praticamente sem gravidade. A frase “por trás da sua máscara de paciência, a eternidade acaricia as coisas efêmeras” atravessa e associa duas páginas do livro, que são preenchidas por desenhos que se referem, alguns deles ainda que vagamente, a figuras humanas. Ali,

---

247. BURKE. *Uma história social do conhecimento*, p. 81.

248. PIRES DO VALE. *Tarefas infinitas*, p. 202.

249. “É preciso o que for preciso.” Todas as traduções são minhas, salvo indicação em contrário.

250. PIRES DO VALE. *Tarefas infinitas*, p. 202.

o texto e a imagem parecem desconectados, mas a presença de ambos nos leva a buscar associações. A palavra “eternidade” está relacionada às “coisas efêmeras”. Porém, o que é eterno não é justamente aquilo que não é, a princípio, efêmero? Estaria essa efemeridade ligada ao ser humano, à sua permanência efêmera na terra?

Em outra página, dupla, a frase “*que nos pieds sont bas!*” está posicionada junto a imagens de corações, uma figura feminina alada, de cuja boca sai um balão, dentro do qual há uma espécie de fumaça escura, que aparece também na chaminé de uma fábrica, tudo isso cercado de parafusos, engrenagens, uma luminária. A frase é dúbia. Diante de imagens que estão dispostas de modo aparentemente aleatório no espaço da página, a menção aos “pés” nos sugere uma direção “para baixo”, ou seja, de que há uma base para aqueles objetos flutuantes (ou de que há um chão no qual aqueles objetos flutuantes podem, eventualmente, apoiar-se).

Essa obra pode ser aproximada da instigante série de fotolitografias<sup>251</sup> *Paisagens, coisas, bichos e um mergulhador* (FIG.1, 2 3) de Mário Azevedo.<sup>252</sup> Trata-se de um projeto desenvolvido em 1995 e exposto em 1998, realizado pela proposta de recombinar um grupo predeterminado de imagens pré-existent, apropriadas e selecionadas pelo artista, em um processo de releitura, por meio do qual foi construída, a partir dessas “colagens de elementos”, uma série de mais de sessenta cópias únicas, de 50 x 35 cm em média, impressas em fotolitografia e aquareladas à mão,<sup>253</sup> que dialogam entre si: “desde o início do projeto, determinei que trabalharia com cópias únicas, dispensando o rigor das tiragens clássicas e me entregando ao delicioso sabor do fazer, da prática da impressão livre”<sup>254</sup>.

---

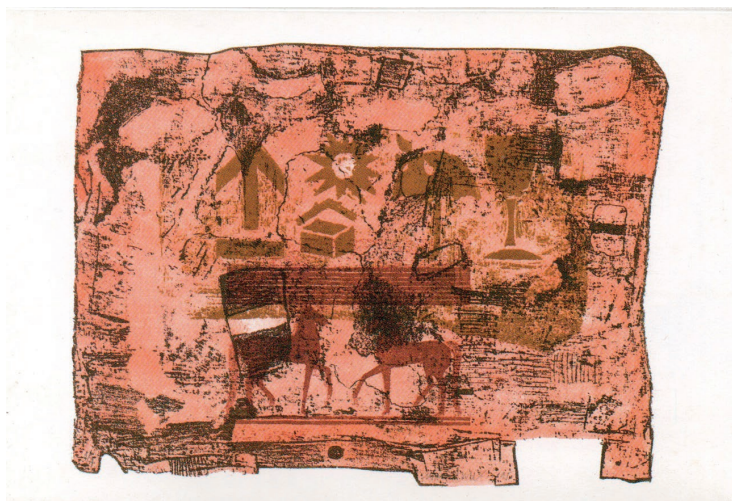
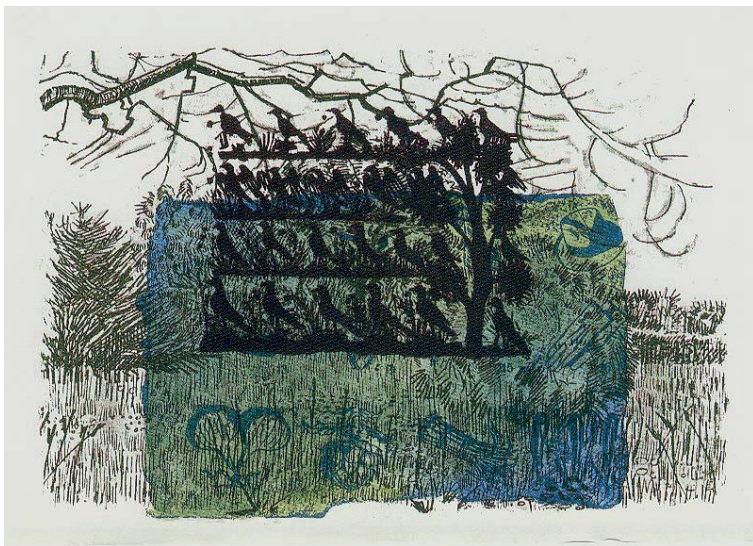
251. Fotolitografia é uma técnica de impressão fotográfica na qual é utilizada a chapa de *off-set*, e as cópias podem ser impressas utilizando-se uma prensa manual.

252. A série foi desenvolvida durante o período em que ministrei a disciplina de pós-graduação sobre gravura em 1995, no PPGArtes da EBA/UFMG.

253. Algumas cópias receberam, ainda, colagens e monotipias.

254. AZEVEDO, *Paisagens, coisas, bichos e um mergulhador*. Nessa análise da série *Paisagens, coisas, bichos e um mergulhador*, de Mário Azevedo, optei por dialogar com o autor, por meio do seu texto, que descreve o processo de criação utilizado na elaboração da série. O texto de Azevedo foi apresentado no Seminário a respeito da gravura, coordenado pela professora Edna Moura, na Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais, em 1998.

**Figuras 1, 2, 3:** Mário Azevedo, da série *Paisagens, coisas, bichos e um mergulhador*, fotolitografias aquareladas a mão, 1995.





Fonte: Fotografia de Mário Azevedo. Coleção do artista.

Azevedo explica que o projeto foi concebido com base em uma seleção de recortes guardados e de cartões-postais da sua coleção particular (montada em viagens, visitas a museus e exposições, além de alguns itens enviados por amigos e correspondentes. O artista confessa: “Escolhi, afetiva e *meio-aleatoriamente*, um grupo de reproduções para *reproduzir*, para conformar novas imagens, em uma espécie de releitura: são trabalhos de outros artistas, obras anônimas, estampas de embalagens e ilustrações de livros didáticos”<sup>255</sup> gerando um trabalho de bricolagem.

A série se baseia em combinações que partem de doze matrizes como peças básicas, para as quais foram elaborados três grupos de quatro imagens, divididos em *gêneros*: paisagens, coisas, animais. O repertório de imagens utilizadas vai desde um desenho de paisagem de Vincent Van Gogh, uma pintura de Jean Dubuffet, e o detalhe de um afresco romano de 500 a.C. representando um mergulhador, até instruções encontradas em uma caixa/ embalagem de papelão. Assim, apropriando-se de uma série de imagens de épocas e contextos diversos, Azevedo cria sua própria “enciclopédia visual”, inspirado nesse universo de referências pessoais.

---

255. AZEVEDO, *Paisagens, coisas, bichos e um mergulhador*.

A ideia da enciclopédia como a busca de um conhecimento universal encontra-se presente não só na *Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert, mas também em outras publicações que se seguiram, como a *Enciclopédia Britânica*, publicada inicialmente entre 1768 e 1771, em Edimburgo, Reino Unido, e que logo alcançou grande popularidade, tendo sido ampliada, com a sua terceira edição (1801), alcançando vinte volumes. Isso levou à contratação de colaboradores, e as suas 9ª (1875–1889) e 11ª edições (1911) são consideradas como marcos entre as enciclopédias acadêmicas e de estilo literário. A partir da 11ª edição, a *Britannica* buscou tornar seus artigos mais acessíveis, diminuindo-os e simplificando-os, gradualmente. Em 1933, a *Britannica* tornou-se a primeira enciclopédia a adotar a política «em contínua revisão», significando que ela seria continuamente reimpressa, e cada verbete seria atualizado regularmente.

A 15ª edição introduz inovações, com uma única estrutura dividida em três partes: a *Micropædia*, com doze volumes, contém pequenos verbetes, a *Macropædia*, com dezessete volumes, traz longos artigos, e a *Propædia*, num só volume, pretende fornecer um esboço do conhecimento humano, de modo hierárquico, remetendo, dessa maneira, à *Encyclopédie*, que parte da ideia da árvore do conhecimento e seus ramos. A *Micropædia* é destinada à pesquisa rápida, além de ser um guia para a *Macropædia*; os leitores são aconselhados a estudar o esboço da *Propædia* a fim de entender o contexto do assunto e para encontrar outros artigos, mais detalhados.<sup>256</sup> Atualmente, a *Encyclopaedia Britannica* não publica mais versões em papel focando-se apenas na sua versão *on-line*.

Enquanto obras como a *Enciclopédia Britânica* se baseiam no desejo de condensar todo o conhecimento do mundo de modo ordenado, numa forma de a ordem existir não apenas no livro, mas no próprio mundo, a possibilidade de termos acesso a todo o conhecimento é questionada em obras como o filme *Encyclopaedia Britannica* (1971), de John Latham. Apropriando-se da *Enciclopédia Britânica* original, no filme, o artista apresenta, em poucos minutos, todo o conhecimento contido nas páginas

---

256. Sobre a *Encyclopaedia Britannica* cf. KOGAN. *The Great EB: The Story of the Encyclopaedia Britannica*.

da gigantesca *Encyclopaedia Britannica*, porém de forma inapreensível para o leitor.

Trata-se de um filme mudo, que começa com uma imagem da capa externa aberta de uma cópia da *Enciclopédia Britânica*. Nesse filme, cada quadro corresponde a uma página da *Encyclopaedia Britannica*, filmado em uma velocidade de 17 quadros por segundo, reduzindo o texto a um borrão ilegível, ou seja, até que a soma do conhecimento humano que a *Enciclopédia* representa, seja tornada ilegível. À medida que o filme continua, a imagem se torna progressivamente superexposta, dificultando ainda mais sua leitura.<sup>257</sup> Latham tornou o texto da enciclopédia – e, portanto, o conhecimento contido em suas páginas – totalmente ininteligível, ao mesmo tempo que apresentava esse conhecimento de forma visual.

Em 1993, surge a enciclopédia digital multimedia *Microsoft Encarta*, que começa a tomar o lugar antes ocupado pelas enciclopédias impressas. A partir de 2003, passou a ser apresentada em DVD e, em 2005, a *Microsoft* anunciou que seu conteúdo se tornaria editável pelos usuários que pagassem uma pequena quantia, mensalmente. A *Microsoft* criou versões similares em vários idiomas, e versões locais poderiam trazer conteúdo licenciado de fontes nacionais, podendo conter mais ou menos conteúdo que a versão completa em inglês trazia. A edição completa em inglês (*Encarta Premium*) de 2005 contém mais de 68.000 artigos e grande quantidade de imagens, vídeos e ferramentas. Muitos artigos podiam ser vistos *on-line* gratuitamente por um serviço mantido por patrocínio. Foi lançado também um usuário de *MSN messenger* para responder a questões instantaneamente – o *Encarta Instant Answers*, criado para estar *on-line* a qualquer tempo e responder a dúvidas em inglês, após ser adicionado pelo [encarta@botmetro.net](mailto:encarta@botmetro.net). As edições da *Encarta* foram interrompidas em 2009, depois de ter aberto o caminho para outras enciclopédias *on-line*.

Atualmente é relevante o papel desempenhado pela *Wikipedia*, uma enciclopédia que se encontra em revisão ou reconstrução constante e que, por esse motivo, adequa-se mais àquilo que se espera de uma enciclopédia, ainda que não seja considerada totalmente confiável. Peter Burke explica que

---

257. Cf. <http://www.tate.org.uk/art/artworks/latham-encyclopedia-britannica-t13844>.



A democratização do conhecimento também atingiu as enciclopédias, notadamente a *Wikipédia on-line*, criada por Jimmy Wales em 2001. O projeto original para o que se chamaria “Nupédia” era mais tradicional, com editores designando assuntos para determinados colaboradores. Mas os planos mudaram, e ‘qualquer um pode editar qualquer página em qualquer momento’, alteração que está ligada ao espírito de compartilhamento e abertura da ‘cultura computacional’ do MIT e de outras universidades.<sup>258</sup>

*The World Explained* (2012)<sup>259</sup> é um projeto artístico de Erick Beltrán, que pode ser aproximado da *Wikipedia*, por se apropriar do conhecimento gerado por meio de entrevistas realizadas com pessoas não especializadas nos assuntos abordados, reunindo diversas teorias pessoais sobre vários assuntos. O trabalho é composto de três projetos expositivos realizados em São Paulo, Barcelona e Amsterdã, onde Beltrán entrevistou um grande número de pessoas, com uma lista de aproximadamente oitocentas perguntas, cobrindo áreas muito diversas como biogenética, economia, física, história e política. Entre as questões elaboradas, encontram-se: *Quem foram os primeiros cientistas? O que é um androide? Como o plâncton se move? Como funciona um para-raios?* Outras perguntas, mais subjetivas, exigiam menos conhecimento especializado, não podendo ser respondidas de maneira direta, por serem questões para as quais todas as respostas são igualmente válidas e verdadeiras, como: *O que determina nossas preferências? Quando falamos de liberdade? O que é um sentimento?*<sup>260</sup>

O projeto *The World Explained* desenvolve-se em três etapas: a primeira consiste em entrevistar e coletar “testemunhos e observações”; a segunda se ocupa em categorizar esses materiais e editá-los em entradas de uma enciclopédia, ilustrada e impressa, e a fase final do projeto realiza a análise das diferentes entradas, buscando detectar conexões ou paralelos entre elas, para descobrir os padrões culturais a elas subjacentes. Beltrán explica, no manual de introdução do projeto, que o objetivo dessa busca antropológica não é

---

258. BURKE. *Uma história social do conhecimento II*, p. 341.

259. Disponível em: <https://colecaolivrodeartista.wordpress.com/2015/08/09/the-world-explained/>

260. Cf. <https://www.afterall.org/online/the-world-explained#.WuHXudPwaRs>

tanto encontrar as respostas corretas, ou verdades absolutas, mas convidar as pessoas a revelar suas “teorias pessoais” com as quais explicam o mundo circundante. Segundo o artista, para dar sentido ao contexto em que vivemos, navegamos em três diferentes áreas do conhecimento: o conhecimento aprendido, a experiência e o desconhecido.

As teorias pessoais surgem quando, confrontados com uma situação que não podemos explicar imediatamente, começamos a fazer nossas próprias conexões. Vinculamos vários pontos de referência para satisfazer nossa necessidade de que as coisas façam sentido [...] As pessoas não revelam suas teorias pessoais com facilidade, mas podem ser provocadas ao fazer uma série de perguntas que abrem um campo de tensões.<sup>261</sup>

Beltrán buscou inspiração na micro-história, um gênero na história cultural que se concentra em histórias pessoais e eventos aparentemente menores, desenhando uma imagem de uma cultura ou mentalidade de um período específico e explicando que “nossa visão do mundo está determinada não apenas pelo que aprendemos sobre o mundo ou mesmo o que experimentamos [...] Consiste em uma grande extensão de suspeitas, conexões improvisadas e interpretações pessoais.”<sup>262</sup>

Usando diagramas, nós epistêmicos e visualizações do pensamento em linhas de pensamento e movimentos que se cruzam, Beltrán desenvolve sua teoria, que não busca apenas explicar a produção do conhecimento cotidiano, mas também como as interpretações pessoais compõem as esferas sociais e os sistemas de crenças de um grupo social, para estabelecer a importância de um “conhecimento não especializado”, abrangendo elementos do acaso e da imprevisibilidade.

*The World Explained* desenvolveu-se e cresceu ao longo do tempo. Depois de realizar as edições da enciclopédia em São Paulo (2008) e em Barcelona (2009), em dezembro de 2011 os primeiros resultados do volume de Amsterdã

---

261. Erick Beltrán, do manual para *The World Explained: Microhistorical Encyclopaedia*, p. 2-7 *apud* VESTERS. *The World Explained*.

262. Beltrán *apud* VESTERS. *The World Explained*.

foram apresentados ao público no *Tropenmuseum*, um dos principais museus etnográficos da Europa. Embora tenha adotado uma metodologia semelhante à pesquisa de campo antropológica tradicional em *The World Explained*, não se trata de uma antropologia estrito senso, mas uma antropologia artística, sujeita às suas próprias regras e capaz de gerar interpretações mais livres. Ou seja, por meio de seu trabalho, Beltrán desconstrói o olhar antropológico, adotando uma postura que mistura realidade e imaginação.

No *Tropenmuseum*, a exposição teve a forma de um centro de informações e oficina de impressão ao vivo. Na parede do fundo, uma sequência de diagramas, gráficos informativos e textos ilustrava a teoria de Beltrán sobre o conhecimento não especializado e os sucessivos passos dados para produzir o volume de Amsterdã, da enciclopédia. Dessa forma, os diagramas e gráficos de informação mostravam as atividades eram desenvolvidas no espaço da exposição, em processo: de um lado, em um escritório, a equipe continuava suas entrevistas, enquanto o outro lado era usado como sala de impressão. Havia também sobras de materiais de embalagem, como testemunhas do desenvolvimento contínuo da produção. Para Beltrán, essa produção ao vivo e no local de um corpo de conhecimento – para o qual todos podem contribuir – compõe a essência de *O Mundo Explicado*.

O projeto de Erik Beltrán resultou na publicação, *The World Explained*, que, como seu subtítulo indica, pode ser lida como um “ÍNDICE DE ENTENDIMENTO ATUAL DO MUNDO”. Apesar de o artista ter utilizado um formato tradicional de pesquisa, no modo como a informação é coletada e disseminada, a enciclopédia produzida por ele e sua equipe não pretende criar um cânone oficial de dados objetivos ou conhecimento absoluto. Como ele próprio explica, na capa da publicação, trata-se de uma “ENCICLOPÉDIA MICROHISTÓRICA CONTENDO: Uma coleção de DESCRIÇÕES PRECISAS, com detalhadas imagens e diagramas do MUNDO em todas as suas FACETAS. tudo baseado em Uma visão NÃO ESPECIALIZADA em cada área do CONHECIMENTO HUMANO. Esse arquivo UNIVERSAL é uma COMPILAÇÃO de Testemunhos e Observações, obtidas por meio de questões sobre interesses gerais a Respeito de DESENVOLVIMENTOS social, COMERCIAL, MORAL E POLÍTICO”. E ainda: “Na sua Totalidade

a Publicação pode ser Lida como um Índice da Atual Compreensão do Mundo pelas Pessoas”.

Nessa tradução, optou-se por apresentar as palavras na forma como aparecem na capa da publicação, ou seja, preservando suas maiúsculas e minúsculas, pois entende-se que essa grafia utilizada também nos diz do conteúdo do texto. Assim, o encadeamento das palavras escritas em letras maiúsculas: ENCICLOPÉDIA MICROHISTORICA / CONTENDO / DESCRIÇÕES PRECISAS / MUNDO / FACETAS / NÃO ESPECIALIZADA / CONHECIMENTO HUMANO / UNIVERSAL / COMPILAÇÃO / DESENVOLVIMENTOS / COMERCIAL / MORAL E POLÍTICO nos fornece uma chave de leitura para a obra *O Mundo Explicado*, ao trazer esses termos em destaque, em detrimento dos outros, como a nos indicar os pontos mais relevantes do trabalho. São como palavras chave que abrem para o leitor o sentido da obra. Assim, ao mesmo tempo que o artista fala de uma “enciclopédia micro-histórica contendo descrições precisas”, ele menciona o fato de tratar-se de uma obra “não especializada do conhecimento humano universal”, em uma proposta aparentemente contraditória. Porém, quem poderia falar com mais propriedade do “conhecimento humano universal”, a não ser o próprio ser humano?

Algumas palavras são escritas com a inicial maiúscula: Testemunhos / Observações / Totalidade / Publicação / Índice / Atual / Compreensão / Mundo / Pessoas. Isso parece indicar que haveria uma segunda camada de significação no texto, indicando, possivelmente, os objetivos pretendidos.

Os textos da enciclopédia se baseiam em teorias pessoais e são categorizados em uma série de tópicos que remetem a uma associação livre de ideias como: “Futuro / Máquina / Perfeição”, “Cérebro / Banco de Dados / Antepassado” ou “Fase / Afinidade / Sombras”.

Um outro dado interessante é que o *design* da enciclopédia baseia-se na *Cyclopaedia* de Ephraim Chambers, ou, *Universal Dictionary of Arts and Sciences* (1728), geralmente considerada a primeira enciclopédia inglesa, que teria servido de inspiração primária para a *Encyclopédie*, remetendo, pois, à tradição das enciclopédias canônicas, apesar de *O Mundo Explicado* questioná-las.

Peter Burke avança na discussão sobre as enciclopédias, ao destacar outros pontos, como o papel do processo de refugo daquilo que anteriormente era tido como conhecimento, sobre o qual as bibliotecas e as enciclopédias oferecem muitos exemplos. Sabe-se que, “no século XVIII, começou a surgir a ideia de destruir livros não porque fossem heréticos ou subversivos, mas porque eram considerados inúteis”.<sup>263</sup>

Burke lembra que os bibliotecários têm-se preocupado com a quantidade de novos títulos lançados no mercado, que agrava o problema de espaço para as novas aquisições. Uma opção seria ‘dar baixa’ nos livros, ou seja, desfazer-se deles. Ou banir os livros que são considerados menos úteis para porões ou depósitos “fora do local”, para uma espécie de “limbo intelectual”, visto tornarem-se inacessíveis ao público. “Um estudo de livros rejeitados por essas vias por alguma grande biblioteca ao longo dos séculos poderia ser muito revelador, mostrando a mudança das prioridades. Seria possível estudar a longevidade das ideias pela ‘vida de prateleira’ dos livros em que estão expressas”, como lembra Burke.<sup>264</sup> Isso leva a crer que

tão revelador quanto um estudo das bibliotecas e de execução muito mais fácil seria o exame semelhante dos conhecimentos descartados das enciclopédias. Conforme aumenta o conhecimento, aumentam as enciclopédias. Mesmo assim, basta comprar várias edições da mesma enciclopédia para constatar a frequência com que os editores e compiladores, pelo menos desde a segunda metade do século XVIII, têm rejeitado uma grande quantidade de materiais anteriores, no momento de atualizar a obra.<sup>265</sup>

Apesar disso, nota-se que esses tipos de reelaboração nem sempre são feitas. “Um estudo dos verbetes sobre ciências naturais publicados em enciclopédias britânicas nos séculos XVIII e XIX mostrou a sobrevivência de muitas informações que os cientistas já consideravam incorretas”. No entanto, reformulações sobre esse tópico só foram introduzidas na nona edição da *Enciclopédia britânica*, em 1875, e, a partir desse ano, a quantidade de material

---

263. BURKE. *Uma história social do conhecimento II*, p. 190.

264. BURKE. *Uma história social do conhecimento II*, p. 190.

265. BURKE. *Uma história social do conhecimento II*, p. 190.

descartado nas principais enciclopédias vem aumentando rapidamente. Apesar de haver razões práticas para algumas omissões, pode-se suspeitar

que a filosofia por trás delas costuma ser, muitas vezes, uma crença mais ou menos ingênua no progresso, como se as ideias mais recentes fossem sempre as melhores. É por isso que, para certas finalidades, pelo menos em ciências humanas, os estudiosos muitas vezes preferem a undécima edição da *Enciclopédia britânica*, publicada em 1911, às posteriores.<sup>266</sup>

Mesmo as enciclopédias digitais descartam material, apesar de relativamente isentas de problemas de armazenagem – daí as propostas de uma *Wikimorgue* ou de uma *Deletopédia*, em que os verbetes rejeitados continuariam acessíveis, um equivalente digital das velhas edições da *Brockhaus* ou da *Enciclopédia britânica*.<sup>267</sup>

O que pode se concluir disso é que o que é descartado pelas enciclopédias também nos diz alguma coisa sobre o conhecimento de cada época, e o próprio fato de descartar informações e dados tem significados que nos ajudam a compreender o que era ou não valorizado em determinado período. Como afirma Burke

para os historiadores culturais, por outro lado, ignorar as ideias dos vencidos é, como diz a velha expressão idiomática, jogar fora o bebê com a água do banho. Assim, seria aconselhável que os historiadores seguissem o filósofo inglês Bertrand Russel, cujo *Esboço de tolices intelectuais* data de 1943, desde que abordassem o tema de maneira mais relativista e distanciada do que esse ‘hilarante catálogo da estupidez individual e organizada’, descrevendo e explicando os movimentos, em vez de justificá-los para depreciar os conhecimentos mais antigos.<sup>268</sup>

Com base nesse estudo, conclui-se que tanto enciclopédias canônicas, que buscam trazer com toda a objetividade e clareza o conhecimento de uma época, quanto obras como *The World Explained*, que utiliza uma metodologia não oficial para obter informações, e até mesmo o refugio das enciclopédias,

---

266. BURKE. *Uma história social do conhecimento II*, p. 190-191.

267. BURKE. *Uma história social do conhecimento II*, p. 191.

268. BURKE. *Uma história social do conhecimento II*, p. 192.

forneem-nos dados importantes sobre a sociedade. Todas essas diferentes propostas tentam, em última análise, “explicar o mundo”.

## Referências

- AZEVEDO, Mário. *Paisagens, coisas, bichos e um mergulhador*. Texto apresentado no Seminário sobre gravura, coordenado pela professora Edna Moura, na Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais, 1998.
- BALTHAZAR, André (texto); BERTHOLO, René (serigrafias). *Il faut ce qu'il faut*. Paris: edição dos autores, 1964 (livro de artista).
- BELTRAN, Erick. *The World Explained: A Microhistorical Encyclopaedia*. Amsterdam: Roma Publications/Tropen Museum, 2012.
- BLOM, Philipp. *Enlightening the World: Encyclopédie, the Book That Changed the Course of History*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*. De Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento II*. Da Enciclopédia à Wikipédia. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CADÔR, Amir Brito. *Enciclopedismo em livros de artista: um manual de construção da Enciclopédia Visual*. 2012. 193 p. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte, 2012.
- Coleção Livro de Artista da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://colecaolivrodeartista.wordpress.com/>. Acesso em: 24 abr. 2018.
- DIDEROT, Denis; ALEMBERT, Jean Le Rond d'. *Encyclopédie*, ou, Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers: par une société de gens de lettres. Troisième édition. A Genève: Chez Jean-Léonard Pellet...; A Neufchatel: Chez la Société Typographique, 1778-1779.
- KOGAN, Herman. *The Great EB: The Story of the Encyclopaedia Britannica*. Chicago: The University of Chicago Press, 1958.
- LATHAM, John. *Encyclopaedia Britannica*. Filme, 16 mm, projeção, p&b, 6 min, 10 seg, 1971.

MALLARMÉ, Stéphane. O livro, instrumento espiritual. (Trad. Tomás Maia). In: PIRES DO VALE, Paulo. *Tarefas infinitas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, encarte.

PIRES DO VALE, Paulo. *Tarefas infinitas*: quando a arte e o livro se ilimitam. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. *Caligrafias e Escrituras*: diálogo e intertexto no processo escritural nas artes no século XX. Belo Horizonte: C/Arte, 2012.

VESTERS, Christel. *The World Explained*. Disponível em: <https://www.afterall.org/online/the-world-explained#>. WuHXudPwaRs. Acesso em: 24 abr. 2018.

WILSON, Andrew. *Summary*. John Lathan. Encyclopaedia Britannica, 1971. Disponível em: <http://www.tate.org.uk/art/artworks/latham-encyclopedia-britannica-t13844>. Acesso em: 24 abr. 2018.